

MARTA REGINA DA SILVEIRA SANTOS

RELAÇÃO FAMÍLIA – ESCOLA

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí como requisito parcial para obtenção de título de Graduação em Pedagogia, sob a orientação do professor Esp. Antonio Marcos S. Costa.

PARNAÍBA

2009

RELAÇÃO FAMÍLIA – ESCOLA

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí como instrumento parcial de avaliação da disciplina Prática e Pesquisa Educacional V do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para a obtenção do título de Licenciado.

Orientador: Antonio Marcos S. Costa.

Aprovado (a) em _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Professor (a)

Professor (a)

Professor (a)

Dedico este trabalho a minha mãe pela pessoa maravilhosa que ela é, a minha família e amigos e a todos que contribuíram para essa realização.

Agradeço ao meu Deus, pela minha vida e todas as oportunidades que ele tem a mim concedido, ao professor Antonio Marcos pela paciência e incentivo.

“É preciso substituir um pensamento que se
isola e separa por um pensamento que
distingue e une”

(Edgar Morin)

RESUMO

A relação família – escola é um tema que atualmente é bastante discutido no meio social. Diante dos desafios que a sociedade contemporânea enfrenta, a educação continua sendo um fator primordial na formação do indivíduo. Sabe-se que é no seio familiar que o homem adquire as primeiras noções de educação é nela que se inicia esse processo que o acompanhará pelo resto de sua vida, pois o ser humano vive em constante aprendizagem. A escola é a outra instituição responsável pelo fator educacional do indivíduo nos âmbitos intelectual, cognitivos entre outros. É na escola que o indivíduo aprende a viver em sociedade e o despertar para a cidadania. Diante desses pressupostos observa-se a importância da junção dessas duas instituições família – escola na formação do educando. Se a família e a escola têm os mesmos objetivos que é fazer que os filhos – alunos se desenvolvem em todos os seus aspectos e ter sucesso na aprendizagem à relação família – escola é indispensável nesse processo. Só a função dessas duas instituições fora a diferença para se alcançar o sucesso na educação dos filhos – alunos. No entanto não é isso que se vê, é notória a dificuldade enfrentada pelas famílias e as escolas, pois ainda não conseguiram encontrar o caminho para falar a mesma língua. Surge então a necessidade de parcerias entre a família e a escola, para que ambas possam enfrentar as dificuldades e vencer os obstáculos da educação atual. A escola não pode alcançar seus objetivos sem a participação da família, e a família precisa da escola, pois uma depende da outra, para realização do maior objetivo que é fazer que o educando – filho aprenda para ter um futuro melhor e assim construir uma sociedade mais justa e digna.

PALAVRAS – CHAVE: família, escola, educação, sociedade

ABSTRACT

The family - school is a subject that is currently widely discussed in the social environment. Given the challenges facing contemporary society, education remains a primary factor in shaping the individual. It is known that within family man who acquires the rudiments of education is that it begins the process that will follow the rest of his life, because human beings live in constant learning. The school is the institution responsible for the educational factor of the individual at the intellectual, cognitive and others. It is the school that the individual learns to live in society and awaken to citizenship. From these assumptions there is the importance of family junction of the two institutions - the training of school student. If the family and the school has the same goals which is to the children - students are developing in all its aspects and success in learning to respect family - school is essential in this process. Only the light of these two institutions was the difference in achieving success in the education of children - students. However that is not what you see, it is evident the difficulty faced by families and schools, it still could not find the way to speak the same language. Then comes the need for partnerships between family and school, so both may face difficulties and overcome obstacles of education today. The school can not achieve their goals without the participation of the family, and family needs of the school, as a dependent on another, to achieve the greatest goal is to make the child - children learn to have a better future and thus build a more socially fair and honorable.

KEYWORDS; family. school. education. society

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
1 CONCEITO HISTÓRICO DE FAMÍLIA	12
1.1 A família brasileira	14
1.2 Contexto histórico da escola	15
CAPÍTULO II	
2. A EDUCAÇÃO ESCOLAR E O CONTEXTO FAMILIAR	17
2.1 A importância da relação família-escola no processo educacional	19
2.2 O papel da família e o papel da escola	21
2.3 A construção da parceria família-escola	22
CAPÍTULO III	
3. ESTUDO DE CASO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	25
3.1 Cenário da pesquisa	25
3.2 Perfil das famílias pesquisadas	25
3.3 Acompanhamento da família na vida escolar dos filhos	26
3.4 Análise dos dados pesquisados	26
3.4.1 Questionário aplicado aos pais	27
3.4.2 Questionário aplicados aos professores	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

INTRODUÇÃO

A humanidade passa por transformações constantes e essas mudanças estão ocorrendo de uma forma tão rápida, nunca antes vista. Vive-se num tempo de competições e busca do conhecimento. Nesse mundo globalizado, a educação de boa qualidade, sem dúvida, é uma das maiores conquistas do ser humano. No entanto, diante de toda tecnologia e avanços, os problemas relacionados à educação continuam sendo muito complexos.

Se o mundo está se transformando, a família e a escola também se transformam, e como as demais instituições sociais, elas passam por mudanças que redefinem sua estrutura, seu significado e o seu papel na sociedade. A educação na Constituição Federal de 1988 tem seu lugar assegurado por lei, para igualdade de condições ao acesso e permanência da criança na escola, a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar toda produção artística, intelectual, a valorização da autonomia e da participação popular.

No artigo 205 da Constituição Federal, o ordenamento estabelece: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

O tema abordado nessa monografia é a relação família–escola, tendo como justificativa chamar a atenção para a importância dessa relação na construção do processo educativo dos filhos–alunos e conscientizar a família e a escola, da grande necessidade do trabalho mútuo dessas duas instituições para o sucesso do educando; bem como a formação de parceria para dar sustentação ao papel da família no desempenho educacional dos filhos e o papel da escola, nessa relação de cooperação.

O problema gerado por esse estudo foi: Quais os fatores que contribuem para uma deficiente relação entre a família e a escola?

Os objetivos que foram abordados nesse trabalho foram os seguintes: Geral – investigar os fatores que dificultam o processo de interação que dificultam o processo de interação entre a família e a escola; Específicos: identificar subsídios e estratégias de aperfeiçoamento da relação família – escola e averiguar oportunidades de aproximação entre pais e professores, visando à criação de vínculos de parcerias.

A metodologia adotada foi a não-experimental transversal explicativa, com

procedimentos bibliográficos e de campo e enfoque quantitativo, sendo o método hipotético dedutivo, considerado a partir da formulação de hipóteses. O universo pesquisado foi uma escola pública municipal de Parnaíba – PI, selecionada aleatoriamente por sorteio. Nessa instituição foram aplicados os instrumentos de coleta de dados em 10% dos pais ou responsáveis dos alunos nas salas de 1ª a 5ª série e em 100% do professores, ambos do turno da manhã. A coleta de dados primários foi feita por meio de observação objetiva e sistemática e aplicação de questionários e entrevistas. Os dados secundários foram obtidos por meio de levantamento bibliográfico. Os dados estatísticos foram analisados e interpretados através da codificação e tabulação.

Dividida em três capítulos, essa monografia oferece informações e reflexões importantes sobre a relação família-escola.

No primeiro capítulo apresenta-se o conceito histórico de família; os tipos de família; sua função; a família brasileira e o contexto histórico da escola, quando surgiu e sua função.

No segundo capítulo, contém informações sobre a educação e o contexto familiar; a importância da relação família-escola, reflexões sobre o papel da família e a escola.

O terceiro capítulo apresenta o estudo de caso; o cenário pesquisado o perfil das famílias; o seu envolvimento com a vida escolar dos seus filhos e análise dos dados.

CAPÍTULO I

1 CONCEITO HISTÓRICO DE FAMÍLIA

A família, por assumir papel fundamental na sociedade, é chamada de célula mater e muitos são os conceitos dados a palavra família.

O termo família é derivado do latim “famulus” que significa “escravo do mestiço”. Este termo foi criado na Roma Antiga para designar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas, ao serem introduzidas a agricultura e também a escravidão legalizada.

No direito romano clássico, a “família natural” cresce de importância e essa família é baseada no casamento e no vínculo de sangue. A família natural é o agrupamento construído apenas dos cônjuges e de seus filhos e tem por base o casamento e as relações jurídicas dele resultantes, entre os cônjuges, e pais e filhos. Afirma Alves, José Carlos Moreira (1977, p. 282).

O termo família no sentido sociólogo foi, por muito tempo, definido no dicionário Aurélio como “grupo formado por indivíduos que são, ou se consideram consanguíneos uns dos outros, ou por descendentes de um tronco ancestral comum admitido por doação”.

Antigamente o modelo de família consistia em pai-mãe-prole. Esse modelo de estrutura família era considerado ideal pelo modo dominante de pensar na sociedade e, por isso, bastante usada para classificar todos os outros modos de organização familiar como desestruturados, desorganizados e problemáticos.

Muitas foram as mudanças na concepção de família quanto a sua função social e a produção de subjetividade que ocorre em seu interior. Pesquisas realizadas pelo antropólogo americano L. H. Horgan (1818 – 1881) demonstram que, desde a origem da humanidade, houve, sucessivamente:

- A família consanguínea – intercasamento de irmãos e irmãs carnais e colaterais no interior de um grupo;
- A família punaluaana – o casamento de várias irmãs, carnais e colaterais, com os maridos de cada uma das outras, e, os irmãos também se casavam com as esposas de cada um dos irmãos. Isto é o grupo de homens era conjuntamente casado com o grupo de mulheres;
- A família sindiásmica – ou de casal – o casamento entre casais, mas sem obrigação de

morarem juntos. O casamento existia enquanto ambos desejassem;

- A família patriarcal – o casamento de um só homem com diversas mulheres;
- A família monogâmica – que se funda sobre o casamento de duas pessoas, com obrigação de coabitação exclusiva. A fidelidade, o controle de homem sobre a esposa e os filhos, a garantia de descendência por consangüinidade e, portanto, a garantia propriedade privada. A idéia de propriedade – criar, possuir e regular através de direitos legais sua transmissão hereditária – introduz esta forma de organização familiar.

Nas comunidades tribais, as atividades econômicas eram desenvolvidas em comum não havendo propriedade privada, e a tendência predominante era a existência de família extensa, constituída pelo patriarca, sua esposa, seus filhos, e os escravos. O mesmo ocorria com os escravos, que eram recebidos com cerimônias que os integravam à família, da qual não podiam ser desligar. Formando uma grande família, pela função de certo número de grupos consangüíneos e agregados.

Na Idade Média, prevalece o conceito de família extensa “a casa de um cavaleiro, reunia um mesmo domínio, numa certa corte, dez, vinte senhores, dois ou três casais com filhos, os irmãos e as irmãs solteiras e o tio cônego, que aparecia de tempos em tempos e preparava a carreira de um ou outro sobrinho” (DUBY apud ARANHA, p. 58). Vale destacar que nesse ambiente não existia lugar para o sentimento da infância.

A família burguesa, do século XV ao século XVIII, desenvolve-se além do sentimento de infância, um novo sentimento de família. As amplas relações das antigas formas de sociabilidades vão se restringindo ao núcleo da família conjugal. A alteração decorre da ascensão da burguesia, cujos novos padrões econômicos e sociais refletem no comportamento dos indivíduos.

Com a Revolução Francesa, surgiram os casamentos laicos no ocidente e, com a Revolução Industrial, tornaram-se frequentes os movimentos migratórios para cidades maiores, construídas ao redor dos complexos industriais. Estas mudanças demográficas originaram o estreitamento dos laços familiares e as pequenas famílias, num cenário similar ao que existe hoje. As mulheres saem de casa, integrando a população ativa. A família era definida como um “agregado doméstico” (...) composto por pessoas unidas por vínculos de alianças, consangüíneos ou outros laços sociais, podendo ser restrita ou alargada (MOREIRA apud CARVALHO, 2004). Nessa definição, nota-se a ambigüidade motivada pelas referências à família alargada, com a tendência reducionista que começava a instalar-se refletida pelos vínculos de alianças matrimoniais.

A Revolução Industrial trouxe mudanças mais radicais, que geraram nos meios

abastados a família nuclear semelhante a que conhecemos atualmente. Hoje, devido à modificação das relações de casamento entre homens e mulheres, torna-se comum que uma família se constitua em torno de filhos e pais originados de diferentes relacionamentos, sua definição abre espaço para as variações de famílias.

1.1 A Família Brasileira

A família vem se transformando através dos tempos, acompanhando as mudanças religiosas, econômicas e sócio-culturais do contexto em que se encontra inseridas.

A família brasileira também veio passando por transformações importantes relacionadas ao contexto sócio, econômico e político do país. No Brasil-Colônia, marcado pelo trabalho escravo e pela produção rural para a exportação, identificou-se um modelo de família tradicional, extensa e patriarcal, onde os casamentos baseavam-se em interesses econômicos e a mulher era destinada a castidade, a fidelidade e a subserviência. Os filhos, considerados extensão do patrimônio do patriarca, ao nascer dificilmente experimentava o sabor do aconchego e da proteção materna, pois eram amamentados e cuidados pelas amas de leite.

A partir das últimas décadas do século XIX, identifica-se um novo modelo de família. A proclamação da República, o fim do trabalho escravo, as novas práticas de sociabilidade com o início do processo de industrialização, urbanização e modernização do país constituem terreno fértil para a proliferação do modelo família nuclear burguesa, originária da Europa. Trata-se de uma família constituída por pai, mãe e poucos filhos. O homem continua detentor da autoridade e “rei” do espaço público, enquanto a mulher assume uma nova posição: “rainha do lar”, “rainha do espaço privado da casa”.

Desde cedo, a menina é educada para desempenhar seu papel de mãe e esposa, zelar pela educação dos filhos e pelos cuidados com o lar. Nos últimos anos, várias mudanças ocorridas no plano sócio-político-econômico relacionados ao processo de globalização da economia capitalista, veem interferindo na dinâmica e estrutura familiar e possibilitando mudanças em seu padrão tradicional de organização. Assim, não podemos deixar de falar em família, para que possamos tentar contemplar a diversidade de relações que convivem em nossa sociedade.

Fatores econômicos e culturais fizeram com que as mulheres ingressassem no mercado de trabalho, reconfigurando assim, os papéis do homem e da mulher e,

consequentemente as funções de pai e mãe. Hoje não existe mais um único padrão de estrutura familiar: pais separados, mulheres ou homens que criam sozinhos os seus filhos, casais homossexuais, crianças educadas por avós, tios, entre outros.

1.2 Contexto histórico da escola

A escola, como instrumento educacional, surgiu no século XVI, e sua importância e natureza variaram muito no tempo, dependendo das necessidades e características socioeconômicas dos grupos em que estava inserida. Nas comunidades tribais, tanto nas nômades quanto nas sedentarizadas, nas quais não havia professores, toda a comunidade era agente do processo educativo, a aprendizagem acontecia exclusivamente por imitação dos adultos nas atividades do dia-a-dia.

Assim, acompanhavam-se os adultos em suas atividades e, com o passar do tempo, aprendia-se a “fazer igual”. Plantar, caçar, localizar água, entender os sinais do tempo, escutar histórias e participar de rituais eram atividades do grupo adulto, as quais iam sendo acompanhadas pelas crianças que aos poucos, adquiriam instrumentos de trabalho e interiorizavam valores morais e comportamentos socialmente desejados. Não havia uma instituição especializada nessas tarefas. O meio social, em seu conjunto, era o contexto educativo. Todos os adultos ensinavam a partir da experiência pessoal. Aprendia-se fazendo.

Na Grécia e Roma antigas, a família extensa ainda predominava assim como na Idade Média. No século XII, as crianças eram consideradas quase como adultas em miniatura, não havendo um mundo infantil como hoje conhecemos, com roupas e jogos apropriados a elas. Nas escolas da época, responsáveis primordialmente pela instrução, as crianças estudavam todas juntas em uma mesma sala, independente da idade cronológica.

A partir do século XV, desenvolveu-se o “sentimento de infância” e as famílias extensas deram gradativamente, lugar a família conjugal típica da sociedade burguesa. Essa transformação influenciou sobremaneira na organização da educação formal. Foi no século seguinte que as ordens religiosas criaram as primeiras e famosas escolas que absorviam todo o dia da criança, restringindo seu contato com o mundo adulto, numa vigilância dirigida aos valores morais e ao controle dos impulsos naturais em favor das virtudes.

Com as revoluções do século XIX, a escola passou por transformações, sendo a principal delas a tendência a universalização, ou seja, a ela caberia atender a todas as

crianças da sociedade (pelo menos em tese). O desenvolvimento da industrialização foi sem dúvida o fator decisivo das grandes mudanças ocorridas nos séculos XVIII e XIX. A industrialização descolou o local do trabalho da casa para a fábrica, transformando, com isso, os espaços das casas e das cidades. Assim construíram-se vias públicas para os transportes coletivos levarem os trabalhadores de um lugar a outro da cidade. O trabalho ingressou na esfera pública, deixando de ocupar os espaços da casa.

Todas essas transformações geraram consequências na família, que não podia mais, sozinha, preparar seus filhos para o trabalho e para a vida social. Era preciso entregar essa função a uma instituição que soubesse educar, não mais para a vida privada, do círculo familiar e do trabalho caseiro, mas para o trabalho que se encontrava no âmbito da vida pública, cujas regras, leis e rotinas iam além dos conhecimentos adquiridos pela família. A escola tornava-se, assim, essa instituição especializada.

A Revolução Industrial sofisticou o trabalho com a implantação das máquinas, exigindo do trabalhador o aprendizado da tecnologia. Esta sofisticação levou novas funções para a escola, como a de preparar o indivíduo para o trabalho, lhe ensinando o manuseio de técnicas até então desconhecidas, ou a de fornecer-lhe os conhecimentos básicos da língua e do cálculo. A escola ganhou importância e ampliou suas funções.

A luta pela democratização da escola empreendida pelas classes trabalhadoras foi outro fator gerador de mudanças. As classes trabalhadoras, conforme foram se fortalecendo e se organizando, passaram a exigir o direito de ter seus filhos na escola, isto é, o direito de acesso a cultura e ao conhecimento dominante. A escola, pressionada, “abriu” suas portas para atender a outras camadas sociais que não somente a burguesia e a aristocracia. A escola universalizava-se.

Enquanto nos países desenvolvidos, a luta pela universalização do ensino básico, já no século XIX, atingia seus objetivos, no Brasil do século XX, não havia superação das dificuldades de acesso a escola. Aqueles que tentavam, estava sujeita a repetência e ao êxodo, sem falar na qualidade do ensino oferecido. Além disso, o dualismo decorrente das diferentes formas de ensino (acadêmico e profissionalizante) perpetuava a divisão social.

CAPÍTULO II

2. A EDUCAÇÃO ESCOLAR E O CONTEXTO FAMILIAR

Os modos de educação e de reprodução social variam ao longo da história e em diferentes sociedades, bem como entre os grupos e classes de uma mesma sociedade.

Antigamente, educar significava criar crianças restringindo-se aos cuidados físicos. Desde o início, a educação era um trabalho e uma palavra que correspondia à divisão sexual do trabalho na sociedade patriarcal: o trabalho reprodutivo era função das mulheres e o trabalho produtivo e intelectual dos homens.” (SANDES apud COLL, 1995)

Antes do surgimento da escola como um lugar separado e especializado de educação formal, as crianças e jovens educavam-se pela participação nas práticas produtivas e rituais coletivos. Nas sociedades ditas primitivas, a educação das crianças era uma tarefa comunitária, informal e imersa na vida prática, como ainda ocorre hoje em áreas rurais e urbanas das regiões pobres do mundo.

No Brasil Colônia, semelhante aos modos europeus, a educação formal era privilégio exclusivo das elites; as crianças eram educadas de maneira diferenciada em casa com tutores (as) vindos da Europa, e em colégios religiosos, em regime de internato.

Só a partir do século XIX a educação escolar tornou-se o modo de educação predominante nas sociedades modernas, democráticas, a partir da escolarização compulsória, com uma organização específica: currículo serrado, sistema de avaliação, níveis, diplomas, professores, professoras e outros profissionais especializados. (BIDWEEL apud CARVALHO, 2004, p.50)

Na modernidade capitalista, nas sociedades urbano-industriais, a educação e a família se diferenciaram e se especializaram. Os pais saíram de casa para trabalhar nas indústrias e as crianças, foram entregues a uma instituição preparada para recebê-las e assumir o papel da educação dos seus filhos. A escola surgiu para responder as necessidades sociais do preparo do indivíduo para a vida pública. A família ficou com a formação moral de seus filhos. Hoje a escola ocupa grande parte da vida dos alunos, substituindo as famílias na orientação para a vida sexual, profissional e para a vida como um todo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) concebem a educação escolar como

Uma prática que tem a possibilidade de criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente.

Nesse contexto, a escola apresenta-se, hoje, como uma das mais importantes instituições sociais por fazer, assim com outras, a mediação entre o indivíduo e a sociedade. Do ponto de vista sociológico, a escola pode ser considerada como grupo social e instituição. Ela é considerada um grupo social que transmite cultura, à medida que é uma reunião de indivíduos com objetivos comuns em constante interação. Passa a ser considerada instituição, quando é vista como um conjunto de normas e procedimentos padronizados com o intuito de socializar o indivíduo. (COLL, 1997 apud SOLÉ, 1998).

Quando a criança entra na escola, ela sente um choque e muitas das vezes a sua adaptação é demorada. Nesse momento é importantíssima a ajuda da família, pois a criança precisa sentir-se segura e confiar nas pessoas que agora irão cuidar dela; tarefa antes assumida por sua família. É também nesse momento que a criança inicia o processo de socialização e assimilações de novos conhecimentos. À proporção que a criança frequenta a escola, ela deixa de ser um mero imitador das atitudes dos adultos, para assumir modelos e atitudes transmitidos por ela, o que a torna autônoma e pertencente a um grupo social. Segundo Vygotsky (1991, p.38), "a atividade da criança é estimulada enquanto interage com as pessoas de sua convivência e em cooperação com seus companheiros, para depois internalizar o processo de aprendizagem."

Percebe-se claramente que a participação das pessoas com quem a criança convive, favorece a aprendizagem tanto pela afetividade, quanto pelo conhecimento da realidade da mesma. É inegável que a maioria das famílias sente-se envolvida com a educação dos seus filhos nos primeiros anos da sua vida escolar, mas com o passar dos anos, elas acabam se afastando e já não participam ativamente desse processo e a dedicação já não é a mesma, pois com o processo de socialização, as crianças vão se tornando cada vez mais independentes, assumindo uma nova realidade e visão de mundo. Elas estão se desenvolvendo.

Segundo a concepção Construtivista da aprendizagem escolar e do ensino,

O desenvolvimento da criança é visto como um processo mediado, modulado pela cultura em suas múltiplas manifestações e cenários. Mediante as diversas práticas educacionais - na família, na escola, nos grupos sociais, naqueles vinculados a organizações sociais, religiosas, etc. [...]. Todos promovem

experiências que permitem aos novos membros a aquisição das competências necessárias para viver no grupo e adquirir conhecimentos. (ROGFF apud COLL, 1993)

É muito importante que os pais participem da vida escolar dos seus filhos, eles têm o direito de escolher e querer a melhor educação para eles, mas só com o envolvimento da família a escola alcançará seus objetivos. Cada família é única em seus hábitos, crenças, ideologias, objetivos; e é esse o caminho que a criança percorre até compreender o mundo real e reconhecer o mundo interno.

À medida que a criança vive seu cotidiano inserido numa família que lhe dá carinho, lhe prepara para convivência social e se importa com seus sentimentos, estará estruturando sua identificação e autonomia.

Os filhos precisam sentir-se amados e importantes na sua família e assim, terão melhores resultados nos seus estudos, pois veem que seus pais se envolvem com suas atividades escolares. Essa participação deve ser com amor, dedicação e compromisso e não apenas com cobranças por melhores notas ou coisa semelhante. Acrescenta-se que não há idade específica para os pais acompanharem a vida escolar dos seus filhos; e não é apenas na Educação Infantil ou Ensino Fundamental, no Ensino Médio os adolescentes, e a escola, também precisam do apoio da família.

2.1. A importância da relação família-escola no processo educacional

A relação família-escola é indispensável para a formação do educando. Os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para o benefício do filho-aluno. Não como falar de educação se não partir da família como base, pois a família é o primeiro grupo social que o indivíduo, ao nascer, passa a pertencer.

Quanto a sua função social, cabe a família a transmissão de valores e condutas que refletem a cultura e o meio no qual o indivíduo está inserida. Mas a família não é responsável sozinha por essa formação, pois ela é dividida com outras agências da sociedade, como a escola. Sendo assim, a família e a escola são duas instituições muito importantes, pois ambas tem o mesmo objetivo que é fazer que os filhos-alunos se desenvolvam em todos os aspectos e obtenham sucesso no seu processo educacional e na vida.

Para Guionar Namó de Melo, pedagoga e escritora, "é necessário que exista uma relação de confiança entre a família e escola, para que ambas sejam parceiras nesse

processo de construção. [...] A família apoiando a escola e vice-versa, as duas fazendo parte de um projeto comum.”

A relação família-escola é imprescindível para que se alcance melhores êxitos na educação dos filhos-alunos. Ambas precisam partir do mesmo princípio, estando conscientes que sozinhas, nem a família nem a escola pode superar as dificuldades que a educação atual está passando. Os pais não estão preparados para sequer enfrentar, quanto mais solucionar os problemas que são gerados na difícil tarefa de criar e educar seus filhos.

Segundo Tiba (2002, p. 182), "a voz da experiência da escola, bem ouvida, pode ser bastante útil num momento em que a família está totalmente perdida sobre a maneira como deve proceder com o filho." Os conflitos dessa nova geração devem ser discutidos e refletidos e cabe à escola com os profissionais da educação, auxiliar as famílias para que venham a alcançar a solução.

A família e a escola são o ponto de apoio e sustentação do educando, quanto melhor for a relação entre ambas, mais positivos e significativos serão os resultados na formação dos filhos-alunos. Portanto, a relação família-escola é uma relação simultânea e complementar. É muito importante que pais, professores e alunos compartilhem experiências, entendam e trabalhem as questões que permeiam o seu dia-a-dia. Para que a família e a escola venham alcançar seus objetivos, é preciso que cheguem a um consenso. A escola sozinha não é responsável pela formação da criança, mas tem papel complementar ao da família. Antes de se discutir o problema da educação, é necessário que cheguem num senso comum: Que tipo de educação queremos para os filhos-alunos? Será que ambas estão falando a mesma língua?

Atualmente é muito comum ouvir pais dizerem aos filhos "faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço". Infelizmente não é uma realidade distante do que se vê hoje. Como a escola pode trabalhar valores, respeito ao meio ambiente e ao semelhante, se na escola a criança aprende a dividir a borracha com o colega e em casa os pais não ensinam a criança a dividir o brinquedo com o irmão? Como a criança pode aprender a respeitar a diversidade, se os pais orientam em casa, mas na escola, a professora ignora quando o aluno tem atitudes preconceituosas com o colega?

Para Chalita, ex-secretário de Educação de São Paulo:

Nesse sentido, educadores, pais e todos os que acreditam na importância dos valores essenciais para a formação de gerações mais conscientes e críticas devem propagar e demonstrar por meio de exemplos e ações que, independentemente das diferenças, todos temos necessidades físicas e psicológicas semelhantes.

Por isso é muito importante a real aproximação da família e da escola, respeitando as suas diferenças para que se busquem os mesmos objetivos. Uma das maiores queixas existentes hoje, em todos os segmentos do ensino infantil ao médio nas escolas, é sobre a falta de aproximação entre a família e a escola.

Essa proximidade precisa ser trabalhada e revista, pois ela deve ir além do ato de deixar a criança na porta da escola e que o encontro entre professores e familiares do aluno aconteça somente em dias de festividade ou de entrega de resultados. Essa atitude de mudança precisa partir da escola.

2.2 O papel da família e o papel da escola

Cuidar e ensinar é o ponto de partida quando é preciso refletir as funções da família e da escola. Qual o papel da família e o papel da escola na educação dos filhos-alunos? Se partir do princípio que tanto a família quanto a escola almejam o mesmo objetivo: preparar os educandos para o mundo; é possível chegar num consenso, respeitando as diferenças uma da outra e agregando valores.

Assim como a família tem as suas particularidades que a diferencia da escola, a escola tem seus métodos e filosofias para educar; uma não substitui a outra, nem sua autoridade ou valor.

Para Nóvoa apud Correia (2009),

"A escola não é o princípio da transformação das coisas. Ela faz parte de uma rede complexa de instituições e de práticas culturais. Não vale mais, nem menos, do que a sociedade que está inserida. A condição de sua mudança não reside num apelo à grandiosidade da sua missão, mas, antes, na criação de condições que permitam um trabalho diário, profissionalmente qualificado e apoiado do ponto de vista social."

Tradicionalmente, os conceitos atribuídos a escola e a família são: família - base da formação de um indivíduo (responsável pela formação de valores); escola - educação formal (trabalho pedagógico, currículo), prepara para o exercício da cidadania.

No entanto, para que a escola e a família cumpram seu papel, é necessário que ambas revejam sua postura diante das mudanças que acontecem todos os dias. A educação nesse cenário contemporâneo é um desafio para os educadores e pais. Será possível a escola atingir seus objetivos se ela não estiver preparada para trabalhar todas essas mudanças? E a família está fazendo sua parte?

Para Chalita (2004, p. 11), "jamais as mudanças aconteceram tão rapidamente, a competição nunca esteve tão acirrada e a tecnologia avançou de forma tão assustadora [...]. Tudo tem se renovado, e as escolas e as famílias precisam acompanhar esse ritmo sob pena de perder o bonde da história."

Sabe-se que a família continua sendo o lugar de proteção, carinho e cuidado do indivíduo, responsável pela sobrevivência física e psíquica. Toda criança tem direito a ter uma família, como está prescrito no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei nº 8.063, de 13 de julho de 1990. Essa lei brasileira que protege os direitos da criança e do adolescente é uma das mais avançadas no mundo.

No artigo 19, capítulo 3, encontramos que "Toda criança ou adolescente tem seu direito a ser criado e educado no seio de sua família ou família substituta [...]."

No artigo 205 da Constituição Federal, estabelece-se a educação como direito de todos e dever do Estado e da família.

Observa-se que não só a família, como a escola (representante do Estado) tem suas funções e deveres. Ambas estão conscientes da suas atribuições. A escola que é consciente do seu papel procura desenvolver sua prática buscando a qualidade, mas atenta a formação global e holística, refazendo seu currículo e incluindo a relação escola-família, numa atitude de cooperação, participação e exercício da cidadania.

2.3 A construção da parceria família-escola

A importância de se firmar a parceria família-escola é refletida quando os efeitos benéficos dessa junção começam a ser colhidos. Todos, escola e família, que almejam a qualidade da educação dos filhos-alunos saem ganhando.

A família quando é inserida na escola, vai além de contratos informais e conversas breves, ela sente-se fazendo parte desse processo. A escola, por sua vez, com os educadores desenham em conjunto com a família, caminhos e alternativas de partilhamento, onde o ambiente familiar e o escolar formam um cenário de interseção.

Para a Psicopedagoga Santo apud Gentile (2006, p. 32),

A construção dessa parceria implica em uma capacidade de comunicação que exige compreensão da mensagem que o outro quer transmitir, e para tanto, se faz necessário, a competência e o desejo de escutar o que está sendo expresso, bem como a flexibilidade para apreender idéias e valores que podem ser diferentes dos nossos.

O propósito é que essa parceria seja construída de uma intervenção planejada e

consciente, para que a escola possa criar espaços de reflexão e experiências de vida numa comunidade educativa, estabelecendo a aproximação da família, numa relação de respeito, união e acima de tudo, compromisso.

Muitos conflitos, problemas relacionais, problemas da juventude e dificuldades da escola poderão ser resolvidos se a família e a escola estiverem trabalhando em conjunto. A parceria entre família e escola é a certeza de sucesso para ambas as partes, pois quando seus valores e objetivos se assemelham, o educando aprende sem conflitos.

Então, sabendo que a família e a escola são referenciais na vida do indivíduo, quanto melhor for a interação entre ambas, mais significativos serão os resultados na sua formação, afinal, a vida familiar e a vida escolar são simultâneas e complementares.

O projeto pedagógico da escola pode ser o ponto de partida para criação dessa parceria. Ele é fundamental para que a escola seja eficaz ao cumprir seus propósitos, criados em conjunto com todo o corpo docente e colaboradores da mesma. Nesse processo é necessária a participação da comunidade e, principalmente, dos pais, o que possibilitará ao aluno uma experiência escolar bem sucedida.

Para Szymanski apud Gentile (2006, p. 33),

o maior envolvimento da família na vida escolar dos filhos oportuniza os pais a compreenderem melhor o desenvolvimento de seus filhos [...] Para a escola esse envolvimento, contribuirá para que educadores e gestores, conhecendo melhor a família de seus educandos, possam elaborar propostas pedagógicas mais adequadas.

Uma das dificuldades que a escola enfrenta, é como trazer os pais para a escola? Essa atitude tem que partir da escola, já que muitas escolas nunca trabalharam em parceria com os pais e outras já tentaram, mas, por falta de planejamento e atitude, acabaram desistindo.

Gentile (2006, p. 32-33), em matéria exclusiva abordando o tema Escola e Família - Todos aprendem com essa parceria, comprova que abrir as portas da escola à participação de familiares e da comunidade, ajuda os alunos a terem sucesso na vida escolar e colabora para diminuição da evasão e da violência.

Essa foi uma das experiências que algumas escolas viveram depois que começaram a trabalhar em parceria com a família dos alunos. Gentile cita entre outras, a experiência da Escola E. E. Giulio David Leone em São Paulo. Em depoimento, a diretora da referida escola, Marlene Rodrigues, conta que os professores da Giulio sentiram na pele a rejeição dos pais ao chamá-los para expor o projeto que a escola iria trabalhar, ela ficou

chocada quando ouviu o comentário de alguns deles: "Pior não fica."

Mas ela não baixou a cabeça e viu que antes de qualquer iniciativa era necessário mobilizar a equipe pedagógica para resgatar a credibilidade da escola.

As reuniões da escola com os pais dos alunos foi revista: reuniões a cada dois meses onde os professores não reclamavam dos alunos e sim participavam aos pais o que eles iriam aprender, para que e como. Os pais que compareciam ajudavam a montar o projeto pedagógico da escola e esses encontros eram marcados por dinâmicas com a participação de todos.

Outra iniciativa da escola foi mudar o dia das reuniões. Com os pais nos finais de semana e aos alunos foram oferecidas oficinas de culinária, teatro, informática e jogos recreativos (sempre no contraturno).

Após alguns anos de parceria consolidada, os resultados falam por si: a retenção caiu de 45% para 2% (antes mesmo da implantação da progressão continuada); a evasão recuou de 20% para 3%; e os números dos que prestam vestibulares saltou para 60% contra menos de 1% antes da parceria.

Abrir as portas da escola para a comunidade, conquistar a confiança dos pais e afirmar parcerias é papel da escola. O bom relacionamento entre a família e a escola deve começar na matrícula e se estender à todos os momentos.

CAPITULO III

3 – CENÁRIO DO ESTUDO DE CASO E ANALISE DOS DADOS DA PESQUISA:

3.1 Cenário da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma Escola Pública Municipal em Parnaíba – PI. Essa escola oferece ensino na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. Essa instituição apresenta várias dificuldades, sendo uma delas, sua estrutura física, pois não está adequada as exigências para padrões de ensino.

Essa escola funciona num espaço cedido pela igreja católica, possuindo seis salas de aula e um salão da igreja onde estudam duas turmas do Ensino Infantil. Não possui biblioteca, sala de vídeo e o pátio não é coberto; os banheiros não são adaptados para as crianças do ensino infantil e estão em péssimo estado de conservação. Possui cantina e uma sala da diretora que também é a sala dos professores. Num pequeno espaço, está a dispensa onde é guardada a merenda escolar. Outro problema encontrado foi a má conservação das salas de aula e dos banheiros, pois há vários anos não é feita nenhuma reforma.

3.2 Perfil das famílias pesquisadas

As famílias pesquisadas são de classes populares, que se diferenciam na sua estrutura, pois algumas são formadas por mãe, pais e filhos; outras são constituídas pelos avós dos alunos, que são filhos de mães solteiras e os avós são os responsáveis pela criação e educação das crianças. Algumas famílias são extensas, pois os filhos vão casando, e como não possuem casa própria, fica morando com seus pais.

O perfil econômico das famílias é na maioria de assalariados. No caso dos avós, são aposentados; ou sendo o pai o único responsável pelo sustento da casa, é empregado informal ou em alguns casos, formal. Também há famílias em que a mulher é a responsável pelo sustento da casa e as maiorias das famílias possuem casa própria e algumas moram de aluguel.

Quanto ao grau de estudo, os pais ou responsáveis pelos alunos são, na maioria, possuidores do Ensino Fundamental; alguns pais ou avós são analfabetos.

3.3 Acompanhamento da família na vida escolar dos filhos

Um dos métodos utilizados para obtenção da coleta de dados da pesquisa foi a entrevista com perguntas objetivas aos pais e responsáveis pelos alunos.

Ao serem interrogados sobre a frequência com que visitavam a escola dos filhos por ano, 80% responderam que várias vezes e somente 20% responderam uma vez.

Quanto à importância da participação da família nas reuniões de pais e mestres, todos afirmaram que sim, é muito importante a sua participação.

Quanto ao acompanhamento do desempenho escolar dos filhos e a forma que é feita, todos responderam que sim, acompanham; sendo que 10% afirmaram que acompanham indo as reuniões da escola e visitando a mesma. 10% afirmaram que acompanham orientando nas tarefas de casa e 80% afirmaram que colocam os filhos em aula de reforço (preparação de deveres).

Quanto à pergunta se a escola pode ou deve ser responsabilizada pelo sucesso ou fracasso escolar dos seus filhos. Todos responderam que sim, pois a escola tem a total responsabilidade pela educação dos educando, fora da família.

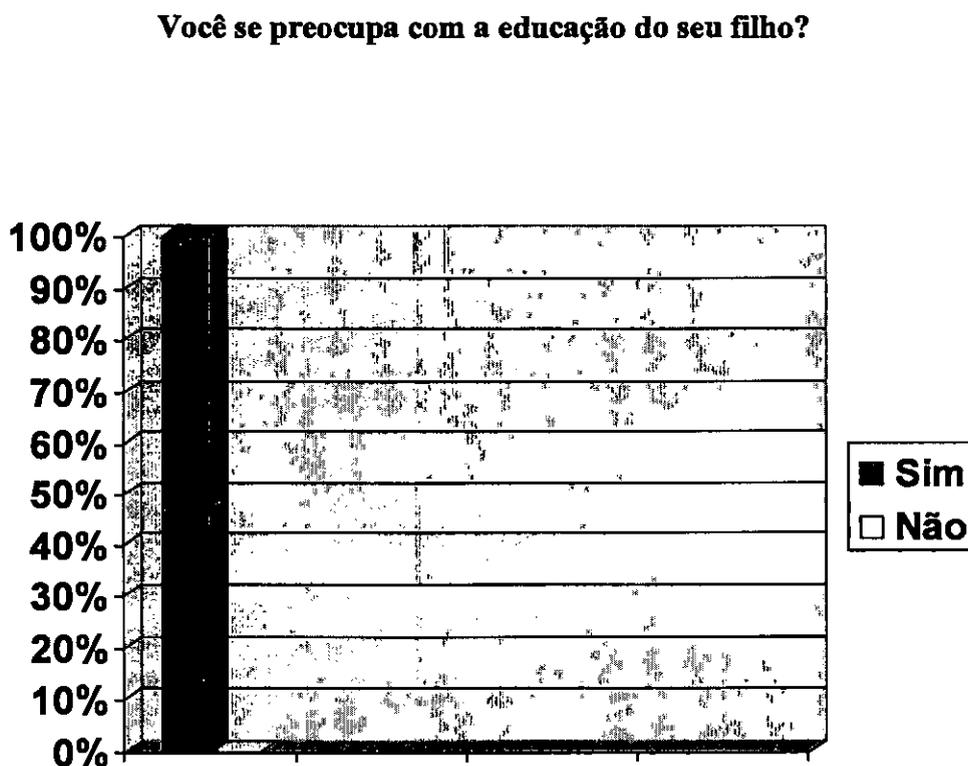
Quando foram perguntados se no modelo de educação atual, a escola tem mais poder que os responsáveis na educação dos filhos – alunos e Por quê? 90% afirmaram que sim. Justificando que os seus filhos passam grande parte do dia na escola e ela é maior responsável pela educação. 10% afirmaram que não, a escola não tem maior responsabilidade, pois eles são os maiores responsáveis pela educação dos educando.

3.4 Análise dos dados da pesquisa

Partindo do estudo de caso que se visou investigar os fatores que contribuem para uma deficiente relação entre a família e a escola, em uma instituição pública de ensino municipal em Parnaíba – PI, foi aplicado questionário nas turmas de 1ª a 5ª série, envolvendo pais e responsáveis pelos alunos, no percentual de 10% do total de 100% do total para amostragem em cada série e 100% dos professores no turno da manhã.

3.4.1 Questionário aplicado aos pais

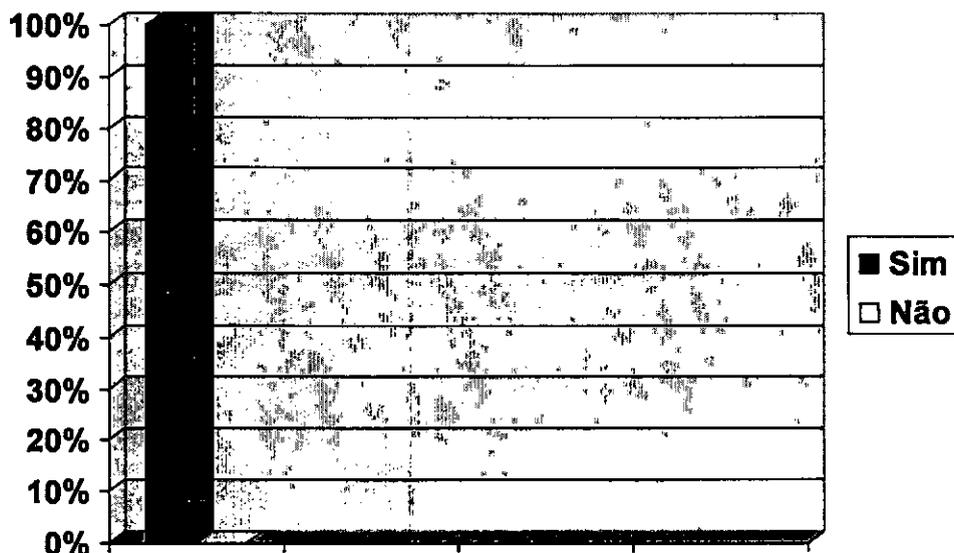
Gráfico 1



Todos os pais entrevistados afirmaram que se preocupam com a educação de seus filhos. Essa pergunta foi feita com a intenção de verificar se os pais demonstram essa preocupação, se eles participam ativamente da vida escolar dos seus filhos, acompanhando o seu desenvolvimento, visitando a escola em outros dias que não seja o das reuniões ou matrícula e outros. Embora todos tenham respondido que se preocupam com a educação dos seus filhos, verificou-se, comparando com a resposta da entrevista, que a maioria só visita a escola nos dias que são convocados pela direção, mas aponta que os filhos frequentam aulas de reforço, pago por eles.

Segundo a direção da escola e professores, a maioria dos pais não participa ativamente da vida escolar dos filhos, pois quase não visita a escola e são poucos os que conversam com os professores (as) sobre o desempenho escolar dos seus filhos, tendo maior preocupação em saber se os filhos estão se comportando durante as aulas.

Gráfico 2

Você participa das reuniões de pais e mestres?

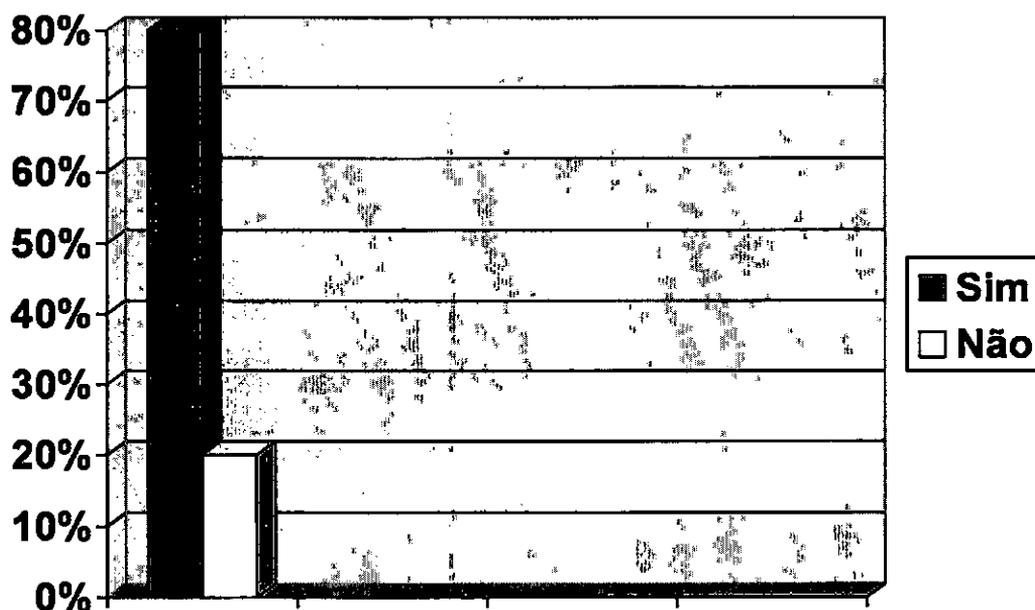
Todos os pais entrevistados afirmam que participaram das reuniões de pais e mestres. Este questionamento foi feito para saber se os pais têm interesse em participar das reuniões de pais e mestres.

Eles afirmaram que participam das reuniões, mas nem sempre podem ir, pois estão ocupados e alegam falta de tempo, mas consideram que a reunião é importante.

Segundo os professores (as) e a direção da escola, a frequência dos pais nas reuniões de pais e mestres é muito pouca. Eles só têm maiores interesse em participar, quando o assunto abordado é referente à bolsa família. Segundo os pais dos alunos as reuniões, não são atrativas, pois, só é falado sobre as notas e o comportamento dos alunos.

Gráfico 3

Você se envolve nos projetos executados pela escola de seu filho?



80% dos pais entrevistados afirmaram que se envolvem nos projetos executados pela escola de seus filhos, e 20% não.

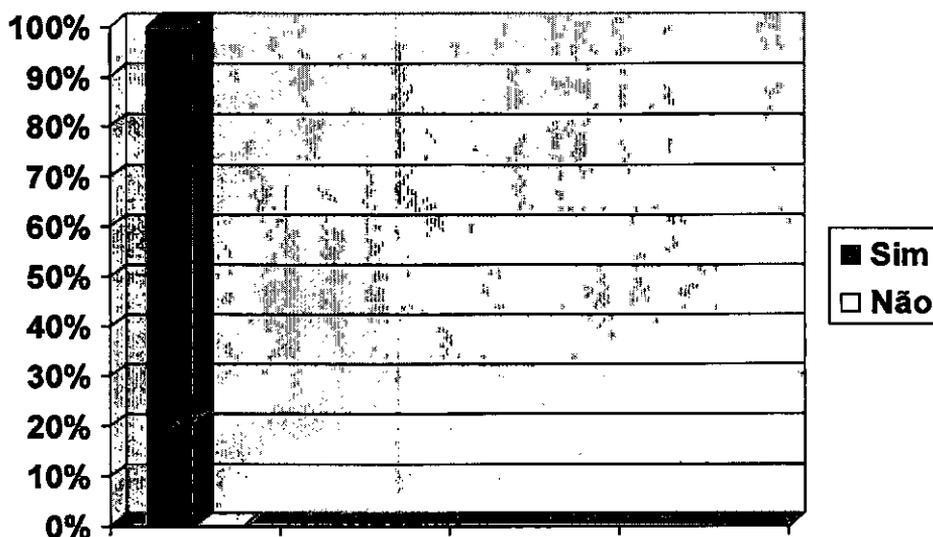
Esta pergunta foi direcionada para verificar a participação dos pais nos projetos executados pela escola. Apesar de 80% dos pais afirmarem que participam, foi observado que os pais desconhecem os projetos da escola, deixando claro que eles não são envolvidos nesses projetos.

A maioria dos pais afirmou que participa das festinhas da escola, pois sempre são convocados para colaborar com ajuda financeira. Essas festinhas que eles se referem são as festas das datas comemorativas do ano.

Com esse argumento dos pais, observou-se que a escola não envolve os pais nos seus projetos. Segundo a direção os pais participam das festas da escola. Em relação aos projetos, afirmou que alguns participam, mas não foi informado como é essa participação.

Gráfico 4

Você ajuda seu filho nas tarefas que ele leva para casa?



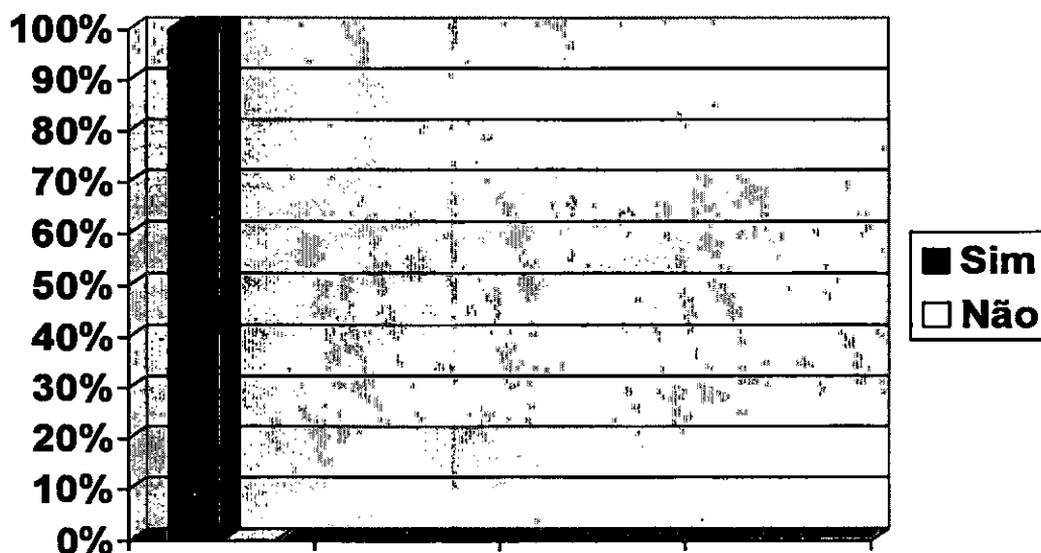
Todos os pais entrevistados afirmam que ajudam seus filhos nas tarefas que eles levam para casa. Esse questionamento foi feito para observar o interesse dos pais em acompanhar o dia a dia do desenvolvimento educacional dos seus filhos.

Os pais afirmaram que quando o filho chega da escola eles perguntam se ele trouxe alguma tarefa. A maioria dos pais leva os filhos para a aula de reforço, onde as tarefas são orientadas pela professora. Essa resposta dos pais é justificada, quando se refere aos pais analfabetos.

Todos os pais devem ser ativos na vida escolar dos filhos, pois sua participação não se restringe a acompanhá-los até a escola, pois o ambiente familiar e o contato com o filho no momento da tarefa são importantes em vários aspectos, pois forma-se um elo de afeto.

Gráfico 5:

Você acha importante a parceria família–escola para educação do seu filho?



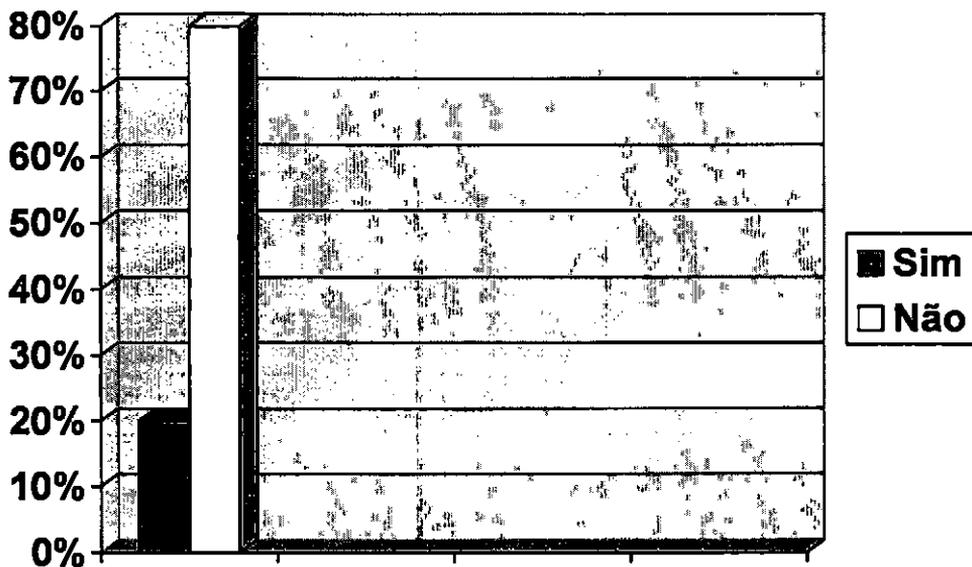
Todos os pais entrevistados afirmaram que acham importante a parceria família-escola para educação de seus filhos. Eles também afirmaram que depois da família, a escola é a principal responsável pela educação dos seus filhos e que ambos têm o mesmo objetivo, acrescentando que gostariam de participar mais ativamente da vida escolar dos seus filhos.

Nesse questionamento observou-se que, mesmo com a afirmação da maioria dos pais de que não tem tempo de ir a escola dos filhos, foi demonstrado interesse na parceria com a escola. O vínculo da família com a escola é muito importante e necessária, pois quando a família é parceira da escola, a sua influência gera aspectos positivos para o educando.

3.4.2 Questionário aplicado aos professores

Gráfico 1

A família deve ser responsabilizada pelo fracasso escolar do educando?



80% dos professores entrevistados, afirmaram que a família não deve ser responsabilizada pelo fracasso escolar do educando, e 20% afirmaram que sim.

Este questionamento foi feito aos professores com objetivo de verificar a opinião deles com relação à responsabilidade da família, mediante o fracasso escolar do educando.

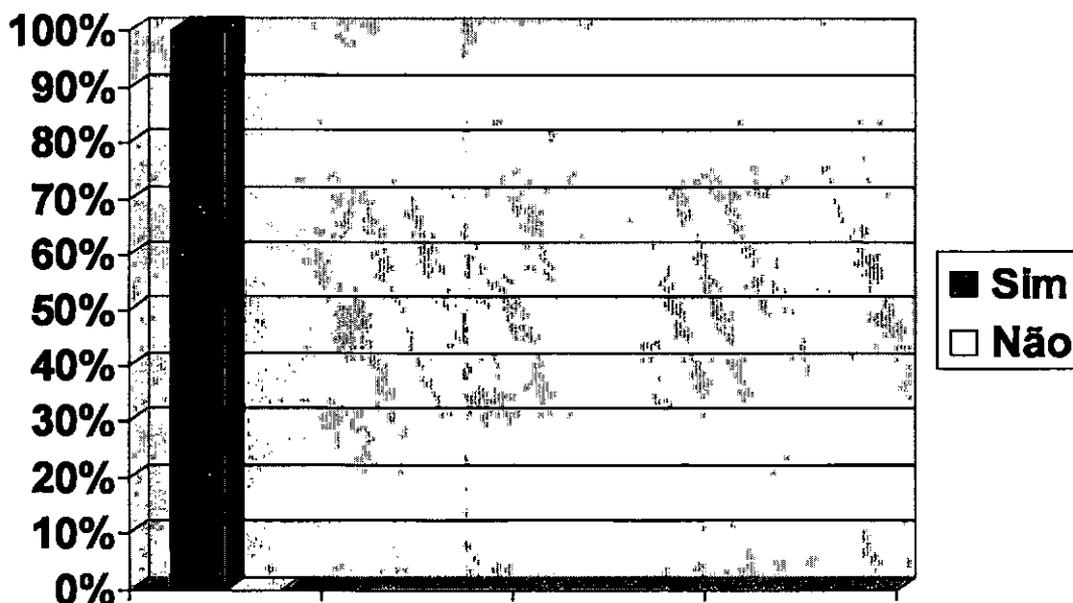
Conforme a resposta verificou-se que os professores estão conscientes que quando ocorre o fracasso do educando não é culpa somente da família. Segundo eles, a escola tem a maior responsabilidade, pois estão cientes que a maioria dos pais dos alunos são analfabetos.

Os pais têm sim participação no fracasso escolar dos filhos, mas a escola que se prepara para enfrentar esses obstáculos alcança êxito.

É preciso que a escola junto com a família se una para que os problemas sejam enfrentados, pois juntas alcançaram o sucesso.

Gráfico 2

A condição socioeconômica dos pais interfere no desempenho educacional dos filhos?



Todos os professores entrevistados afirmaram que a condição sócio-econômica dos pais interfere no desempenho educacional dos filhos. Observa-se que de acordo com as respostas, confirma-se a hipótese levantada.

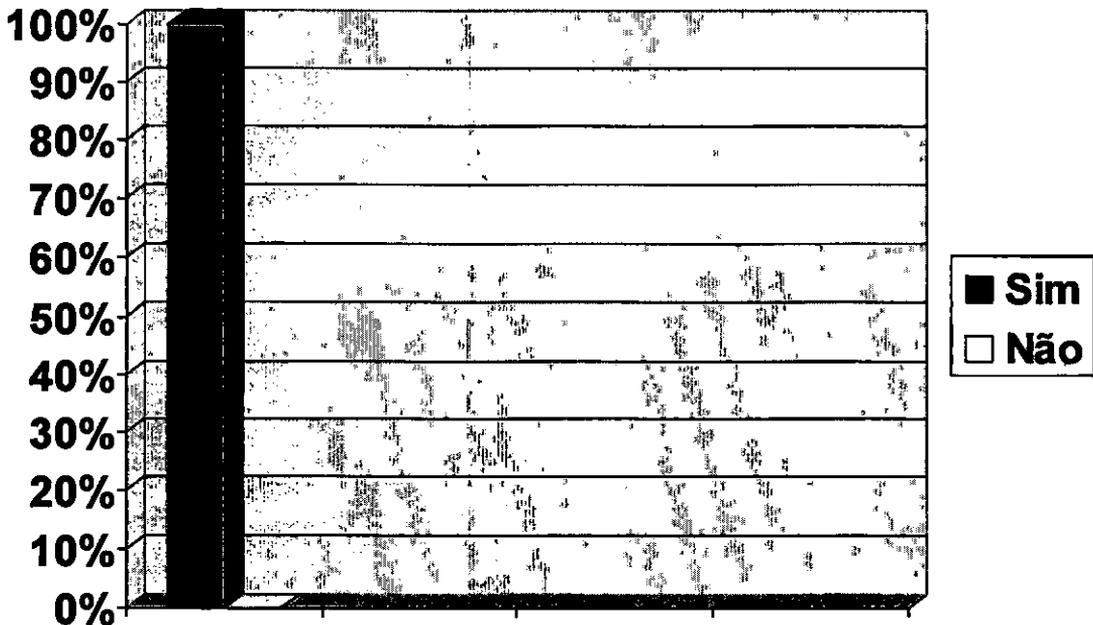
A condição sócio-econômica é um fator que interfere não só na educação, mais em outras áreas da vida de educando. No entanto, esse problema não pode interferir totalmente no desempenho dos alunos, mesmo quando se trata de alunos de escolas públicas.

O professor que tem compromisso e se preocupa com o desempenho dos alunos cria meios de contornar esse problema. Por exemplo: quando é pedido um material escolar para um aluno, e os pais não podem comprar, o professor pode substituir esse material por outro, é o caso de trabalhos feitos de materiais reciclados.

Outro fator relacionado a esse problema é não trabalhar com os pais dos alunos alegando que eles não têm condições financeiras. Os pais também não podem se excluir, pois quando a parceria, os problemas podem ser solucionados.

Gráfico 3

Os pais têm se ausentado da escola alegando falta de tempo?



Todos os professores entrevistados afirmaram que os pais têm se ausentado da escola alegando falta de tempo. Observa-se que de acordo com as respostas, confirma-se a hipótese levantada.

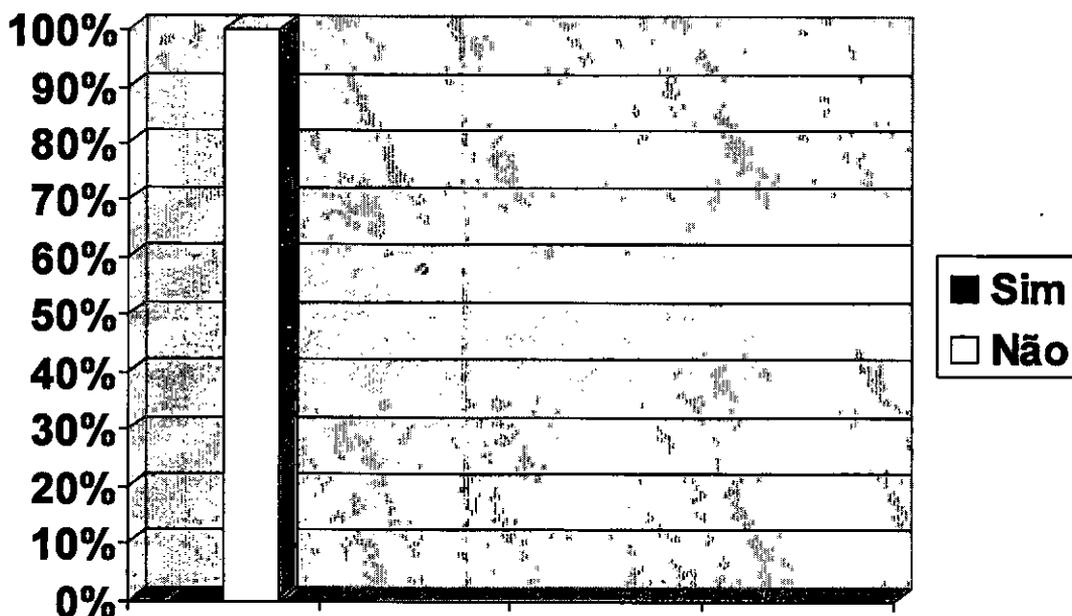
Este questionamento é um dos problemas que mais interfere na relação família-escola, pois a maioria dos pais tem se ausentado da escola alegando que não tem tempo para participar da vida escolar dos filhos.

Observou-se que os pais têm dado prioridade a outras tarefas, seja de casa ou profissionais e a escola dos filhos sempre fica em segundo plano. Os pais precisam se conscientizar da sua responsabilidade, pois não bastam cobrar só da escola, eles precisam também fazer sua parte.

É muito comum a queixa dos professores de que os pais têm jogado os filhos na escola e o peso está sobre eles. Comparando com a resposta dos pais nas entrevistas, comprova-se que eles sempre alegam que a falta de tempo é o principal motivo da sua ausência na escola de seus filhos.

Gráfico 4

A dificuldade que a escola pública enfrenta interfere na relação família-escola?



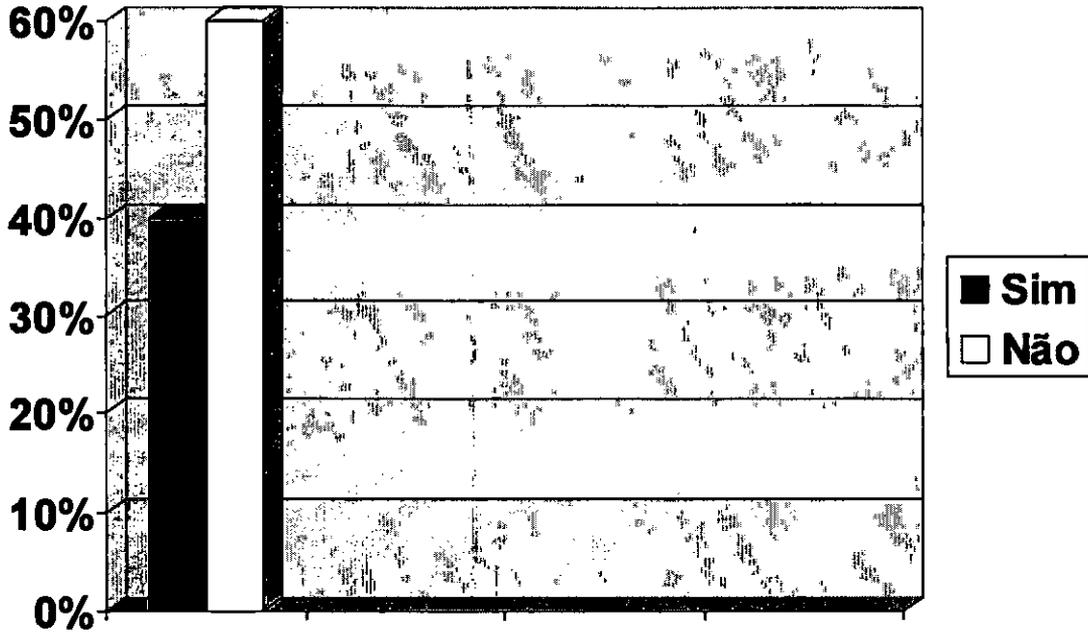
Todos os professores entrevistados afirmaram que a dificuldade que a escola pública enfrenta não interfere na relação família escola.

Este questionamento foi feito para averiguar qual a opinião dos professores, com relação aos fatores que interfere na relação família-escola.

Segundo os professores, as dificuldades da escola pública não interferem na relação família-escola. Eles afirmaram que essa relação é muito importante e necessária, mas é algo a ser trabalhado e que não depende somente da família e sim das duas instituições, família e escola, pois não estar acontecendo a integração de ambas, elas estão muito distantes.

Gráfico 5

A escola tem desempenhado seu papel buscando o envolvimento dos pais nas suas atividades?



60% dos professores entrevistados afirmaram que a escola não tem desempenhado seu papel de buscar o envolvimento dos pais nas suas atividades e 40% afirmaram que sim. Observa-se que de acordo com as respostas, confirma-se a hipótese levantada.

Este é um dos fatores que interfere para que não ocorra a relação família-escola.

Os professores afirmaram que a escola precisa dá o ponta pé inicial para que esse elo seja criado. Se a escola tomar essa iniciativa e envolver as famílias nas suas atividades, aos poucos, os pais vão se aproximar da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação família-escola tem fundamental importância para o bom desenvolvimento do educando. Sabendo que a família e a escola são referenciais na vida do indivíduo, quanto melhor a interação entre ambas, mais significativos serão os resultados na formação do sujeito, afinal, a vida familiar e a vida escolar são simultâneas e complementares. A família é a base da formação do indivíduo, é o primeiro grupo social que ele pertence, é na família que a criança tem seus primeiros ensinamentos, a família deve favorecer ao indivíduo carinho, amor, cuidados e proteção, sendo também responsável por sua educação.

A escola é o segundo grupo social que a criança passa a fazer parte, e não menos importante, é a comunidade escolar, responsável pela sua educação formal. Assim, a família e a escola são instituições com tarefas complementares, ambas são diferentes, mas com o mesmo objetivo: preparar o educando para o mundo.

Portanto, a relação família-escola deve ter como base o respeito, a compreensão, a ajuda mútua. Mas não é isso que vemos. Hoje, a escola e a família caminham diferentes, onde cada um vive seu papel. Observa-se que há um confronto de idéias onde a escola culpa a família pela sua pouca participação na vida escolar dos seus filhos. A família também tem suas queixas da escola e cobra dela melhores resultados no desempenho escolar dos seus filhos. A necessidade de se construir uma relação entre a escola e a família é gritante, ambas precisam chegar a um senso comum. Fazer acordos, firmar parcerias.

Essa relação deve ser construída para que venham a ser estabelecidos compromissos, onde ambas, conscientes do seu dever e responsabilidade, possam propiciar ao educando-filho uma educação de qualidade, tanto em casa quanto na escola.

A escola necessita dessa relação de cooperação com a família e é da escola que deve partir essa iniciativa, fazendo projetos que envolvam os pais e a comunidade para que juntando as experiências e conhecimentos, possam chegar a solução dos problemas que permeiam esse universo.

A escola precisa conhecer a família dos alunos para que venha, a saber, da sua realidade. Os professores precisam conhecer o universo sócio-cultural vivenciados pelos alunos, para que possam respeitá-los e melhor compreendê-los, só assim terão condições de intervirem e providenciar mudanças.

As famílias acompanhando com interesse a vida escolar dos filhos podem exercer

interesses genuínos, permanentes, em nível adequado, o que lhes possibilita a criação de condições, horários, hábitos e ambientes propícios ao estudo.

Também é importante que a família trabalhe a motivação do educando e a participação dos pais não deve ser apenas para cobrar melhores resultados, mas acima de tudo, deve ser de apoio e incentivo aos estudos, mostrando interesse, carinho e dedicação. Os pais devem participar visitando a escola, falando sempre positivamente sobre a escola e a educação e interagindo-se do processo pedagógico da escola e participando da sua atualização, colocando-se a disposição da escola, quando assim for convocado.

Sabendo que cada vez mais fica complicado criar, educar e preparar os filhos-alunos para o exercício da cidadania e agir com responsabilidade e segurança nesse mundo de constantes transformações, cabe a família e a escola respeitarem as suas especificidades e diferenças para que construam a relação família-escola e vice-versa, com respeito mútuo, abrindo espaço para as opiniões e reflexões, enfim, parceiros nessa relação.

Mediante a questão norteadora que se procurou investigar, quais os fatores que contribuem para uma deficiente relação entre a família e a escola, na instituição (X) de ensino público municipal de 1ª a 5ª série na cidade de Parnaíba, confirmaram-se as seguintes hipóteses levantadas:

- Os pais e os responsáveis ausentam-se do ambiente escolar e das tarefas dos filhos, alegando a falta de tempo;
- A falta de estreitamento da relação família-escola, não atingindo uma parceria produtiva.
- Famílias desestruturadas economicamente, fator que produz efeito negativo no seu interior.

Tendo sido negada a hipótese:

- Os educadores atribuem a origem dos problemas ao novo modelo familiar, na qual os pais permanecem pouco tempo em casa, ou ainda aquela que apresenta uma organização diferente da tradicional.

A partir dos resultados dessa pesquisa e conclusões, recomenda-se, para futuros trabalhos, essa monografia pela importância que o tema exerce no cenário da educação, sendo relevante, por ser realidade em nossas escolas e sociedade. Dessa forma, vindo servir como subsídios para as dúvidas mais comuns sobre a relação família-escola e os fatores que interferem nessa relação.

Recomenda-se, também, que esse tema continue a ser estudado e pesquisado por escola, família e sociedade, para sua melhor compreensão e que juntos caminhem para busca da solução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José Carlos Moreira. **Direito Romano**. Rio de Janeiro: Florence, 1977.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 1996.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; Teixeira, Maria de Lourdes Trassi Teixeira. **Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução**. Brasília: MEC, 1997.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Modos de educação, gênero e relações escola-família**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: n. 121, p. 41-58, jan./mar., 2004.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações**. 9. ed. São Paulo: Gente, 2005.

_____. **Educação: a solução está no afeto**. 16. ed. rev. atual. São Paulo: Gente, 2004.

COOL, César. MARCHESI, Álvaro e PALACIOS, Jesús. (orgs). **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais**, v.3. 2ª edição. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GENTILE, Paola. **Fala mestre**. Nova Escola, São Paulo, nº 173, p. 24-28. jun - jul, 2004. Psique - Educação Especial. Ano 1. nº 2. São Paulo: Escala.

_____. **Escola e Família – Todos aprendem com essa parceria**. Nova Escola. São Paulo, nº. 193, p. 32-33. Jun - jul. 2006.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

TIBA, Içami. **Conversas com Içami Tiba**. Vol. 1. São Paulo: Integreare, 2008.

ANEXO

QUESTIONÁRIO

1 - A família deve ser responsabilizada pelo fracasso escolar do educando?

Sim

Não

2 - A condição sócio - econômica dos pais interfere no desempenho educacional dos filhos?

Sim

Não

3 - Os pais tem se ausentado da escola, alegando falta de tempo?

Sim

Não

4 - As dificuldades que a escola pública enfrenta, interfere na relação família - escola?

Sim

Não

5 - A escola tem desempenhado seu papel buscando o envolvimento dos pais nas suas atividades?

Sim

Não

ENTREVISTA

1 - Qual o papel da escola na educação dos alunos?

2 - É importante a escola desenvolver atividades em parceria com a família dos alunos?

3 - Quais as formas que a escola pode desenvolver para o melhor engajamento dos pais nas suas atividades?

4 - Porque é tão difícil os pais participarem das reuniões de pais e mestres?

5 - Quais os fatores que interfere no sucesso da relação família - escola?

QUESTIONÁRIO

1 - Você preocupa-se com a educação do seu filho?

Sim

Não

2 - Você participa das reuniões de pais e mestres?

Sim

Não

3 - Você se envolve nos projetos executados pela escola de seu filho?

Sim

Não

4 - Você ajuda seu filho nas tarefas que ele leva para casa?

Sim

Não

5 - Você acha importante a parceria familiar - escola para educação do seu filho?

Sim

Não

ENTREVISTA

- 1 - Quantas vezes você visita a escola do seu filho por ano?
- 2 - Você acha importante participar das reuniões da escola de seu filho?
- 3 - Você procura acompanhar o desempenho escolar do seu filho, de que forma?
- 4 - Você concorda que a escola pode e deve ser responsabilizada pelo sucesso ou fracasso escolar do seu filho. De que forma?
- 5 - Você concorda que no modelo de educação atual a escola tem mais poder que os responsáveis na educação dos filhos - alunos? Por quê?